

Quadra 4  
Cruzeiro

## DE QUADRA EM QUADRA

# Candango com sotaque carioca

*Pedacinho genuinamente carioca do Distrito Federal mantém tradição com muito samba, feijoada e caipirinha. E, claro, alguma gíria*

Cristina Ávila  
Da equipe do Correio

**B**ife com batata frita. Feijoada. Samba e futebol. É a cara do Cruzeiro, o pedacinho carioca do Distrito Federal. Mas a saudade do Rio de Janeiro não bate forte. "Cantarolando na roda de amigos, aqui a gente faz o que gosta", diz Julinho do Samba.

A cidade foi fundada oficialmente em novembro de 1960. Naquela época chamava-se Gavião. Era tudo mato, muitos gaviões, veadinhos, papagaios. E cobras. Em 1959, tinha apenas dez casas, na antigas quadras 16, 17 e 18, que hoje formam a Quadra 4. Mas o Cruzeiro ainda mantém costumes do começo, quando os moradores reuniam-se para a cantoria.

"Quase 70% da moçada que frequenta a Aruc (Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro) é do Rio de Janeiro. Em quase todas as festas de samba tem feijoada. A mania de esporte e as gírias cariocas também permanecem", conta Julinho do Samba, com um sotaque que não se apaga nos 22 anos que mora em Brasília. "É a parte do Rio que ficou impregnada, principalmente na garganta."

A Associação Recreativa e Cultural Unidos do Cruzeiro nasceu quase junto com a cidade. Em outubro de 1961, na antiga Quadra 16. E hoje é a marca do Cruzeiro. Onde se reúnem velhos sambistas, onde a meninada pratica esporte. Principalmente o futebol.

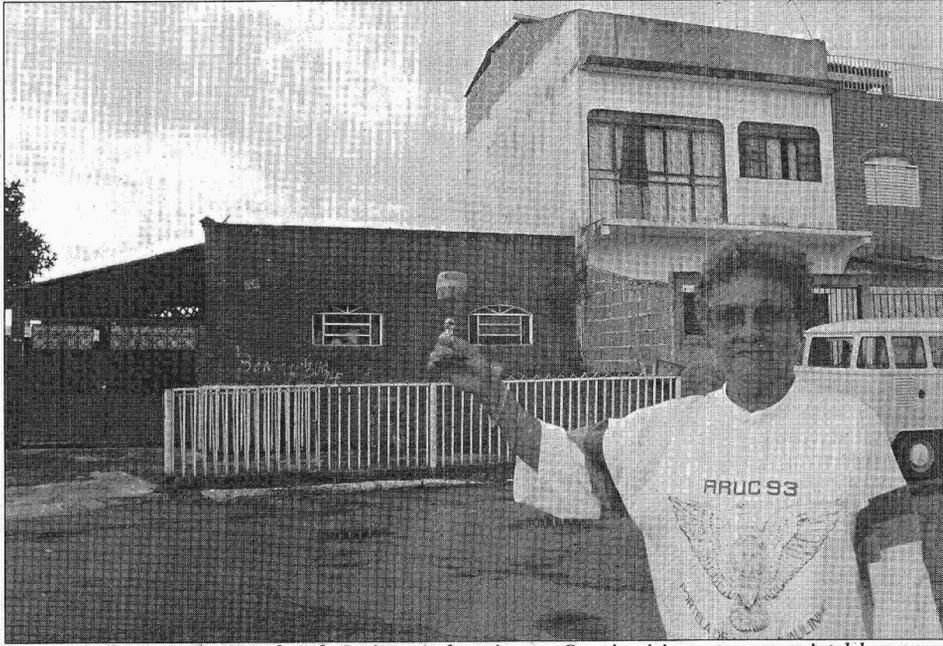
Quando alguém chega atrasado aos ensaios da Aruc, o pessoal grita: "Vem chegando o Pedro". Pedro é qualquer um. O cara que sempre chega atrasado. "O negócio não é acordar Pedro, é Pedro chegar na hora", dizia sempre Julinho do Samba. Assim, criou a brincadeira. O compositor nasceu há 70 anos, em Niterói. Sambista da Portela, em 1955 fazia dobradinhas com Cyro Monteiro nas rádios do Rio.

E quando a situação aperta, o malandro corre. "Porque cobra criada não vira cinto de cocota (menina)", brinca Julinho. E, assim, os cariocas guardam dentro de si um pedacinho do Rio de Janeiro. Cantarolando nas rodas de samba o ritmo que mais gostam. Sem que a saudade doa. Eles gostam do Cruzeiro.

### UM ANO ASSUSTADOR

A Aruc nasceu no quintal da casa da carioca Ivone Araújo Eduardo, ho-

Fotos: Aduato Cruz



Dona Ivone foi a primeira moradora do Gavião, que deu origem ao Cruzeiro. A Aruc nasceu no quintal da sua casa

je com 66 anos. Ela foi a primeira moradora do Gavião, na Casa 3, Quadra 16. Chegou em 1959. Nessa época era só uma brincadeira de carnaval.

Aquele ano foi um susto atrás do outro. A aventura no Planalto Central não era o que ela esperava. Ivone chegou de saia de veludo e sapato de verniz. Na primeira pisada no aereo-

porto de Brasília, a meia fina cor da pele ficou vermelha. Era a poeira que lhe recepcionava. "Queria voltar no mesmo avião."

Ivone precisou lutar para morar na Quadra 16. Ao chegar no Distrito Federal, sua família foi levada para uma quitinete. "O apartamento já tinha duas famílias. Não fiquei lá nem 24

horas. Fui falar com o administrador de Brasília, João Scarano", lembra.

A sugestão do administrador foi, então, que a família morasse no Gavião. As ruas já estavam demarcadas. Mas as moradias eram cercadas de mato. Flores do cerrado brancas, rosas e lilás. "Calma, calma", pedia o marido, João Eduardo Neto. A natureza era mesmo

uma beleza, mas não atraía Ivone nem um pouco. "Tô calma!", respondia ela, sem disfarçar o nervosismo.

"Entrei na casa. Tudo empoeirado. Três quartos. Comecei a me acostumar com a idéia." Em seguida, o chefe de Obras da Camargo Correia avisou-lhe. As moradias não tinham água, nem luz. "Fiquei desesperada." O engenheiro tranquilizou-a. Mandaria fazer uma gambiarra, puxando energia do barracão dos funcionários. E mandaria carros-pipa para abastecimento de água.

Ao sair, o chefe de Obras disse que também mandaria um pouco de areia. "Pra quê?" Para fazer travessieiros, tampar as frestas das portas, no chão. Por causa das cobras corais que tinham a mania de entrar nas casas. Agora, essa era só mais uma surpresa do lugar.

Depois vieram as alegrias. A urbanização do Gavião começou em 1961. "De manhã os trabalhadores arrumavam os tijolos, e à tarde as casas estavam prontas. Eram mal feitas", lembra Ivone. E a vizinhança da Quadra 16 crescia. Muitos cariocas. Alguns nordestinos, um punhado de mineiros.

Em 1962, os moradores mudaram o nome da cidade. Achavam Gavião muito feio. Foram ao Correio Braziliense para falar sobre sua insatisfação. Cruzeiro foi o nome escolhido porque a Quadra 16 ficava próxima ao cruzeiro, onde foi celebrada a primeira missa de Brasília.

### PERFIL

#### DONA IVONE AINDA REVIVE O PASSADO

A auxiliar de enfermagem que brigou para morar no Cruzeiro Velho guarda até hoje o cálice e a toalha de linho bordada usada na primeira missa rezada na cidade, por dom José Newton de Almeida, na antiga Quadra 16. Dona Ivone é assim, gosta de lembrar o passado. Orgulha-se de sua história. Aos 66 anos, é presidente da ala das baianas do carnaval da Aruc, a mais tradicional escola de samba do Distrito Federal.

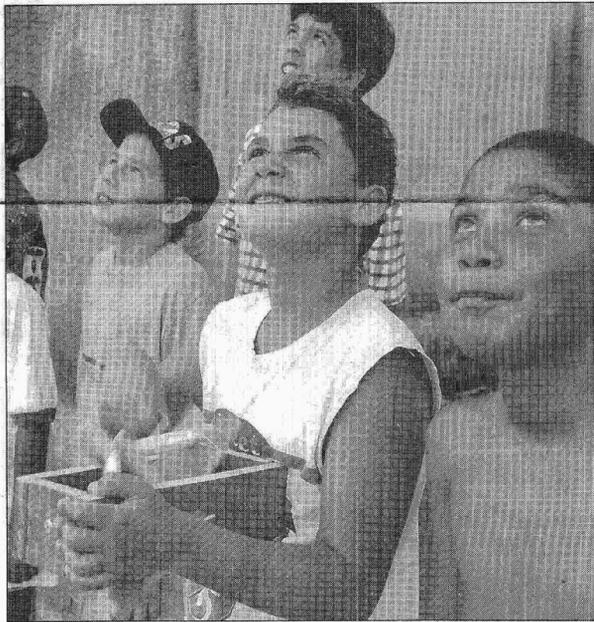
Um dos amigos de Ivone é Carlos Alberto, o Maizena, mineiro de 34 anos. Há 11 anos ele entrega cartas aos moradores da Quadra 4. Gosta tanto do lugar que volta nos finais de semana para tomar cerveja com os amigos. No Natal, volta para casa com a sacola cheia de presentes.

No ano passado, Maizena foi transferido para outra cidade. Foi chorar no ombro de dona Ivone. "Fiquei muito triste, fui pedir ajuda para resolver o problema dele", conta ela. E conseguiu. Maizena voltou para a Quadra 4.

Ivone gosta de ser popular. Conversa com todo mundo. "É bom. É vaidade, né?", admite. Gosta também de se vestir bem, arrumar unhas e cabelos. Se enfeitar para o carnaval. No sábado de carnaval ela vai desfilar pela Aruc. "No domingo, vou para o Rio, desfilar na Mangueira."

A primeira moradora do Cruzeiro chegou no Distrito Federal em 1959 com o marido João Eduardo Neto, funcionário do Ministério da Fazenda. Ela veio para trabalhar no Iapi, no hospital do Núcleo Bandeirante. Ficou casada 26 anos e está divorciada há 20 anos. Teve um namorado depois da separação. "Mas namoro dá muita dor de cabeça", confessa.

Ivone prefere dedicar-se aos filhos Luiz, 35 anos, e Leila, 42. E aos cinco netos. E, como não tem raiva de ninguém, muitas vezes recebe o ex-marido, João Eduardo, para festas de Natal. "Somos amigos. O que passou, passou...", filosofa a carioca. (CA)



Meninos se espremem nos becos para soltar pipa: diversão no aperto

## Morador reclama espaço

O Cruzeiro Velho cresceu. A principal queixa dos moradores hoje não mais se refere às cobras que invadiam as casas. É a falta de espaço para diversão. Luiz Araújo Eduardo, o filho de primeira moradora da cidade, nasceu em Brasília há 35 anos. Quando era criança, brincava nos córregos das matas perto da sua casa. Agora, a molecada brinca na calçada. Solta pipa espremida nos becos entre as ruas.

"A gente balançava nas árvores, fazia de gangora. Ia no céu e voltava. Fazia carrinho com garrafa de água sanitária. Andava a pé pelo mato, até a Água Mineral. Hoje, a gente conta pra garotada, e eles não acreditam", diz Luiz. Seu amigo de infância, também morador da antiga Quadra 16, José Eustáquio, 39 anos, até hoje solta pipa com os sobrinhos e crianças da vizinhança.

"A gente rolava na lama. Já contei para os meninos um monte de coisas que fazíamos. E um monte de coisas não contei", brinca José. Sidney Sodré dos Santos, 35 anos, também era da turma. "Gostávamos de salada mista. Fechávamos os olhos e as meninas passavam. Manga, maçã, chocolate. A gente sempre escolhia chocolate, porque era beijo na boca da garota que estivesse na frente na hora de abrir os olhos. Era a melhor brincadeira", lembra.

"O Cruzeiro mudou para pior", reclama Osmar da Cunha, 70 anos, morador da antiga Quadra 18, que hoje também faz parte da Quadra 4. "O mato cresce e a Administração Regional não apara. Os moradores fazem vaquinha para mandar tirar o lixo. Aqui também tem muito inquilino que colabora com a sujeira."

Na opinião de Osmar da Cunha, outro grande problema é a falta de supermercados. Uma vez por semana ele faz compras na W3 Sul. "O mercado aqui é horrível. Volto com as sacolinhas na mão, de ônibus", conta.

O chefe de gabinete da Administração Regional do Cruzeiro, Francisco Aquino, diz que o problema da limpeza deve ser resolvido logo. "Com as chuvas, o mato cresce muito rápido, mas os tratores já estão nas ruas. A previsão é de terminar o trabalho antes do carnaval."

Francisco Aquino afirma que os moradores da Quadra 4 também não vão ficar muito tempo sem local para lazer. Ele diz que já iniciaram as obras do ginásio poliesportivo que ficará entre o Cruzeiro Velho e Novo, na altura das quadras 4 e 509. "Já iniciamos também as obras da quadra polivalente, com kit para musculação e quadra de areia, entre as quadras 3 e 7, que vai servir também para a Quadra 4." (CA)